

# Euclides da Cunha

Por Elias Karam

A minha eterna admiração por Euclides da Cunha levou-me anualmente a escrever algo sobre a sua figura de estilista vigoroso, que as letras pátrias tiveram a honra de possuir e infelizmente roubada a elas quando estava no apogeu do seu grande vôo.

Euclides immortalizou-se, escrevendo aquela obra prima que se chama "Os Sertões", com a qual demonstrou as modalidades multiformes de sua vasta cultura, tanta que entrou em todos os assuntos, versando sobre eles com autoridade então desconhecida.

José Veríssimo escreveu acerca d'"Os Sertões" da seguinte maneira: "O livro de Euclides é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geológico, um etnó-

grafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descerver, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo da alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as sécas que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a Campanha de Canudos".

Araripe Júnior achou o estilo euclidiano superior ao do excelso Rui. Euclides tem uma páginabrilhante sobre o estouro da boiada. Viriato Corrêa descreve-nos como escreveu

Euclides essa maravilhosa página de nossa literatura.

"A tarde, em Rio Pardo, onde Euclides estava construindo a grande ponte sobre o mesmo rio, costumava o escritor ler as tiras que havia escrito durante o dia. Dentre as pessoas que vinham ouvi-lo, havia um paulista conhecedor dos sertões; um desses talentos fulgurantes, estupendos que nunca são coisa alguma porque nunca entram numa escola. Esse homem tinha cócegas de escritor. Tinha lá os seus versos, as suas tiras de papel cheias de rascunhos literários. Euclides da Cunha falou que ia descrever o "estouro da boiada", um dos quadros mais épicos e mais sinistros dos campos e matas brasileiras.

"Nunca havia visto o "estouro"; sabia-o apenas por informação, por ouvir contar. O paulista vira diversos, estava "cansado de ver", dizia êle.

— "E se "seu" doutor quizer escrever, eu escrevo também e vamos ver quem é que faz o mais perfeito.

"Euclides teve, deveras, medo daquela proposta. Atirou-se à descrição, receoso de ser derrotado. No outro dia à tarde, o matuto apresentou-se corajosamente, com as suas tiras de papel.

O juiz de direito, o presidente da Câmara, as duas ou três pessoas de Rio Pardo esperavam o duelo.

— Leia!

— Leia o doutor primeiro

Euclides leu. Leu aquela descrição incomparável, assombrosa, que todos nós conhecemos nos "Sertões". E ao terminar voltou-se para o homem;

— Leia.

Qual nada, "seu" doutor! Olhe ali.

No chão, as tiras do pobre homem estavam aos pedacinhos, esfrangalhadas.

Eu vou ler, então, alguma coisa depois disso? Não é possível que o senhor não tenha visto pelo menos cem estouros de boiadas".

(Curitiba).